



A BIBLIOTECA DE UMA “NOVA LEITORA”, COMO REFERÊNCIA PESSOAL. (PARAÍBA E PERNAMBUCO, 1950 -1980)

Clara Maria Miranda de Sousa

SESI – Unidade de Juazeiro - BA

clara-assis@hotmail.com

Fabiana Cristina da Silva

UPE

fabianacristinadasilva@ig.com.br

Resumo

Na História da Educação, principal área de atuação da presente pesquisa, as relações entre oralidade, cultura e letramento se encontram na base das discussões dos pesquisadores, na busca de compreender práticas construídas, por indivíduos, considerados “novos letrados”. Mediante isso, procuramos entender os vestígios e o itinerário de apropriação da leitura, e de formação quase improváveis de tais indivíduos. Foi esse conjunto de discussões, em torno da importância da leitura e da escrita, que propiciou esta comunicação, sobretudo em grupos sociais, tradicionalmente, vinculados à oralidade, como é o caso dos meios populares. Daí o nosso interesse em abordar a constituição da biblioteca pessoal de uma “Nova Leitora”. O presente estudo advém de uma pesquisa mais ampla sobre o papel de famílias de meios populares na construção da longevidade escolar dos filhos e de práticas de leitura e escrita (Pernambuco e Paraíba, 1940-1980). A pesquisa está baseada teórica e metodologicamente na Nova História Cultural e na Micro-História, e especificamente na História da Leitura. O objeto de estudo é a biblioteca pessoal de uma “Nova Leitora” filha de uma família de meio popular, em Petrolina, sendo a quinta filha – mulher – de um total de doze filhos de uma das famílias pesquisadas. Essa filha nasceu em 1953 em Piancó, interior do estado da Paraíba e sua família chegou a Petrolina por volta dos anos 60. Identificamos aspectos de relevada importância da inculturação improvável da leitura de Lêda. Com a análise do material coletado, fizemos uma relação das datas dos títulos com a vida da “Nova Leitora”. Como resultados, podemos afirmar a existência de uma biblioteca própria, construída ao longo da formação escolar da “Nova Leitora”, cuja organização é realizada segundo seu pensamento e lógica, além da biblioteca ser constituída por uma diversidade de gêneros e ser utilizado por toda a família. A biblioteca de Lêda se mostrou um lugar de aprimoramento do conhecimento, inter-relacionado a sua formação profissional.

Palavras-chave: Nova Leitora. Biblioteca Pessoal. História da Educação.

Introdução

O trabalho com bibliotecas tem se mostrado um assunto muito vasto, pelo fato de percorrer uma série de fatores, tanto sociais, como culturais, para a vida do leitor. Toda biblioteca particular mostra os gostos, os gestos, a vida do próprio leitor. Neste artigo, trataremos da discussão do espaço físico de nosso objeto de estudo, que é a biblioteca pessoal de Lêda, e da exposição do gosto pelo livro ao longo da vida da “Nova Leitora”.

A biblioteca pessoal é um espaço social criado para atender as necessidades das pessoas que dela se servem. Como tal, é também um instrumento moldado e condicionado pela estrutura





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

peçoal, como a da nossa “Nova Leitora” em questão, de acordo com os padrões e valores culturais que a regem. Para Chartier et al. (1996), a biblioteca é o lugar onde se guarda os conhecimentos pessoais e um meio de difusão das experiências culturais desenvolvidas ao longo do próprio processo formativo, associativo e ideológico, que determinam/determinaram os valores da pessoa que se apropria de materiais escritos.

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Gama Kury (2002), a palavra **biblioteca** significa coleção de livros possuídos por um particular ou destinados à leitura do público; coleção das obras literárias de um povo; estantes, sala ou edifício onde se encontram os livros arrumados. Teríamos de acrescentar a esta definição algo de mais pessoal e emotivo, porque não dizer que a biblioteca pessoal é o local onde podemos nos encontrar e buscar o conhecimento necessário para agirmos com autonomia na sociedade.

A biblioteca pesquisada pertence, como já afirmamos anteriormente, à Lêda que nasceu em 20 de agosto de 1953, na cidade de Piancó, interior do Estado da Paraíba. Ela é a quinta filha, nascida de uma família com doze filhos, de meio popular. Graduada em Pedagogia e com mestrado em Educação, exerce atualmente a função de professora universitária em uma instituição pública. Lêda durante a sua vida constituiu um acervo particular diversificado.

A biblioteca de Lêda se mostrou um lugar de cuidados especiais, um ambiente reservado à prática do estudo aprofundado, com elevado número de exemplares impressos. Foram catalogados 912 exemplares de livros impressos, sendo também composta de artigos, apostilas de estudos, revistas, jornais, e CD’s. Ao todo, são aproximadamente 2000 materiais escritos.

São de fundamental importância para a nossa pesquisa as perguntas surgidas ao iniciarmos as análises dos materiais de leitura: Como a “Nova Leitora” constituiu essa biblioteca? Que livros e materiais são esses? Que gêneros fazem parte desse acervo? Que marcas de uso e leitura existem nos livros mais utilizados? Será que são livros estritamente vinculados à vida profissional? Ou um acervo diversificado com obras também de literatura em geral? De que forma a “Nova Leitora” em questão constituiu tal acervo? Ela realiza ou realizou visitas à biblioteca e a outras estâncias de reconhecimento cultural? Essas são algumas questões que permearam a nossa pesquisa.





História cultural e micro- história: uma forma de pesquisa

Esta pesquisa está baseada, teórica e metodologicamente nos pressupostos da Nova História Cultural¹ e da Micro-História², e nos estudos sobre a História da Leitura e da Escrita.

Também é de fundamental importância entender a história cultural e familiar de Lêda, observando de forma minuciosa os livros que constituem esse acervo. Procurou-se entender os diversos motivos que a levaram a compor essa biblioteca, em que Lêda preocupou-se em participar ativamente de seu crescimento intelectual, social e econômico.

A Nova História Cultural é uma corrente teórica, que teve seu momento inicial em 1929, na França, através da Escola dos Annales. Esta foi uma revista criada para buscar uma renovação, possibilitando o estudo de temas anteriormente não reconhecidos pela história tradicional, como a história dos negros, mulheres e dos meios populares, entre outros. Inicialmente, os Annales tinham três objetivos: narrar melhor a história- problema, levando em conta a realidade historiográfica; falar sobre a história de todas as atividades humanas e não apenas a história política; colaborar em outras disciplinas, como: geografia, sociologia, psicologia, economia, entre outras.

O movimento dos Annales passou por três fases muito importantes em sua trajetória, explica Burke (1997, p. 12-13):

Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. [...] Na segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma “escola”, com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (especialmente a “história serial” das mudanças na longa duração), foi dominada pela presença de Fernand Braudel. [...] Na terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação. A influência do movimento, especialmente na França, já era tão grande que perdera muito das especificidades anteriores. Era uma “escola” unificada apenas aos olhos de seus admiradores externos e seus críticos domésticos, que perseveravam em reprovar-lhe a pouca importância atribuída à política e à história dos eventos.

¹ Sobre este tema ver: Burke (1997), Lopes e Galvão (2001).

² Para maior aprofundamento ver: Levi (1992), entre outros.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A revista desejava exercer uma liderança na história social e econômica, através de uma abordagem nova e interdisciplinar da história (BURKE, 1997). Através dos autores Lucien Febvre e Marc Bloch, como afirma Burke (1997, p. 17) que “[...]foram os líderes do que pode ser denominado Revolução Francesa da Historiografia”, contribuíram para que o trabalho com história mudasse de forma ao atingir uma perspectiva popular, tendo a preocupação de estudar também as classes subalternas, ou seja, os meios populares.

A “história nova” empreendida por Febvre e Bloch com a *Escola dos Annales*, começa a tecer suas redes de conhecimento contra a história tradicional “enraizada” nas grandes pessoas e fatos, e, dessa forma, marginalizava muitos aspectos das experiências humanas, entretanto para a “história nova”, toda vivência humana é portadora de uma história. É partindo desta idéia que os *Annales* construíram o sentido de “História total”. Segundo Burke (1997), a primeira geração dos *Annales* foi o ponto de partida para as novas abordagens da história. Bloch em *Les Reis Thaumaturges* (Os Reis de Taumaturgos) amplia o campo historiográfico sobre o estudo do mundo rural, fazendo comparações entre a França e a Inglaterra, algo novo do ponto de vista tradicional “acostumado” a escrever sobre temas mais restritos.

A revista queria exercer liderança na história social e econômica, através de uma abordagem nova e interdisciplinar da história³. Os *Annales* pensavam e publicavam muito sobre a história econômica e social. Para os *Annales* o ser humano não só constrói a história, mas também é construído por ela. Com a falta de relevância dada aos estudos, a história aumentou seu leque de fontes históricas, servindo-se de todos os meios para conseguir preencher as lacunas deixadas.

A influência da Nova História Cultural faz com que a história possa ser ligada a outros campos, como por exemplo, a sociologia, psicologia, economia. E o historiador deverá ter uma visão ligada a vários pontos da realidade, em especial a cultural. Segundo Burke (2005, p. 129):

A ideia de construção cultural, se desenvolveu como parte de uma reação saudável contra o determinismo social e econômico, mas é necessário evitar o excesso de reação. Os historiadores precisam explorar os limites da plasticidade cultural, limites que embora passíveis de modificação – até certo ponto -, algumas

³ Pesquisadores da Pesquisa Integrada “Novos Leitores”: estudos monográficos em Minas Gerais e Pernambuco, a exemplo dos *Annales*, buscam compreender por meio de que processos e de que modo os “novos letrados” se aproximam e participam das culturas do escrito. Ver: Galvão, et al. (1997).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

vezes são estabelecidos por fatores econômicos, fatores políticos ou, ainda, por tradições culturais.

A expressão Nova História Cultural segue um novo paradigma, ou seja, um modelo próprio para a prática de estudo, que possa encaixar-se na tradição histórica. O novo estilo de História Cultural é visto como uma resposta aos desafios já descritos à expansão do domínio da cultura e a ascensão do que passou a ser conhecido como teoria cultural. Ela dá ênfase às mentalidades, suposições e sentimentos. Apresenta também grande preocupação com a teoria.

A micro-história dá ênfase às mentalidades, suposições e sentimentos. Segundo Levi (1992, p. 136), a micro-história possui, portanto, um papel muito específico dentro da chamada Nova História Cultural: "refutar o relativismo, o irracionalismo e a redução do trabalho do historiador a uma atividade puramente retórica que interprete os textos e não os próprios acontecimentos".

Para Belo (2002), a Micro-História é uma abordagem que surgiu nos anos 70 do século XX, na Itália. Surgida a partir dos debates relacionados com os rumos que a chamada *Escola dos Annales* deveria tomar, esta nova corrente historiográfica foi mal compreendida, ora tomada como história cultural, ora confundida com a história das mentalidades e com a história do cotidiano.

Segundo Belo (2002), a Micro-História tem sua origem não na história do livro, mas na história social italiana, em que se conheceu uma experiência de estudo histórico e crítico. Uma pequena análise se estendeu à história cultural, em 1976, com pesquisas realizadas por Carlo Gizburg. A Micro-História pode ser caracterizada como uma “prática historiográfica”.

Segundo Belo (2002) até o século XIX, a leitura era concebida como um perigo até mesmo físico, para as mulheres, o estilo de alfabetização que a mulher recebeu era feita de maneira reduzida, para que aprendessem somente a leitura voltada para ajudar nas atividades domésticas. Chartier et al (1996, p. 80-81), expõe:

[...] A Escola de Mulheres é um bom exemplo disso. Arnolphe quer uma Agmés leitora, capaz de decifrar e meditar o livro que lhe oferece, intitulado *As máximas do casamento* ou *Os deveres da mulher casada*: ‘Assim como uma noviça/ De cor no convento deve saber seu ofício, / Entrando no casamento deve-o igualmente / E aqui em meu bolso um escrito importante/ Que ensinar-lhe-á o ofício da esposa





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

/ Ignoro seu autor, mas é alguma boa alma; / Quero que seja seu único entretenimento. / Tome. Vejamos um pouco se você o lerá bem.’

A leitura feita pelas mulheres até o século XIX faz-nos pensar nas poucas possibilidades de liberdade de leitura, que tinham as mulheres, sendo tantas vezes coordenada por outros indivíduos considerados estudiosos na realidade presente. Durante muito tempo a leitura, nomeadamente da Bíblia, foi um exclusivo dos homens, como se a mulher não pudesse escapar do seu mundo, da família e da casa. Os livros abrem portas, até para outros lugares e mundos diferentes.

No Brasil aconteceu a ausência de imprensa até o séc. XIX, não impedindo de realizar a escrita e publicação de livros, nem de se distanciar da formação universitária realizada na Universidade de Coimbra. Toda a produção livresca era distribuída através do Atlântico para vários lugares. Todos aqueles que vinham se instalar no Brasil, no período colonial, trazia suas volumosas bibliotecas, como patrimônio familiar. Assim também acontecia com as ordens religiosas.

A leitura pública em voz alta realizada em locais públicos era feita de forma a dar a conhecer uma obra escrita. E tradicionalmente em muitas famílias, os livros eram considerados bens muito preciosos por isso eram assinalados em testamento o seu herdeiro.

Também podemos nos deter um pouco, sobre a História das Bibliotecas, para entender o sentido de constituições de acervos, em especial dos particulares. Apesar de ter sido sempre algo difícil de apossar-se, com o aumento da reprodução de obras através da cópia e da tipografia, resultou-se “no crescimento do número de bibliotecas particulares e públicas, cujo exemplo marcante é a biblioteca de Alexandria, fundada no início do século III a.C., no Egito, acumulando um acervo de 500 000 obras da Antiguidade” (BARBOSA, 1990, p. 97). Essas bibliotecas foram de grande importância para a conservação dos textos antigos, através do trabalho de cópia, realizada por membros da Igreja. Mesmo com a organização de acervos, as civilizações ainda se prendiam a uma cultura oral e auditiva, nas quais hoje, os meios populares se entretêm, a compartilhar sua cultura.

Para Canfora (1989) as primeiras bibliotecas que se tem notícia são chamadas “minerais”, pois seus acervos eram constituídos de tabletes de argila: depois vieram as bibliotecas vegetais e animais, constituídas de rolos de papiros e pergaminhos. Vejamos o que Canfora (1989), expõe:





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Essas são as bibliotecas dos babilônios, assírios, egípcios, persas e chineses. Mais tarde, com o advento do papel, fabricado pelos árabes, começam-se a formar as bibliotecas de papel e, mais tarde, as de livro propriamente dito. Até o momento, os historiadores acreditam que a biblioteca mais antiga seja a do rei Assurbanipal (século VII a.C.), cujo acervo era formado de placas de argila escritas em caracteres cuneiformes. Mas nenhuma foi tão famosa como a biblioteca de Alexandria, no Egito. Ela teria de 40 a 60 mil manuscritos em rolos de papiro, chegando a possuir 700 mil volumes. A sua fama é atribuída, além da grande quantidade de documentos, também aos três grandes incêndios de que foi vítima. Mas outras bibliotecas também tiveram grande importância, como as bibliotecas judaicas, em Gaza; a de Nínive, da Mesopotâmia; e a biblioteca de Pérgamo, que foi incorporada à de Alexandria, antes de sua destruição. Os gregos também possuíam bibliotecas, mas as mais importantes eram particulares de filósofos e teatrólogos. A partir do século XVI é que as bibliotecas realmente se transformam, tendo como característica a localização acessível, passam a ter caráter intelectual e civil, a democratização da informação é especializada em diferentes áreas do conhecimento. No Brasil, a biblioteca oficial foi a atual Biblioteca Nacional e Pública, do Rio de Janeiro, que se tornou do Estado em 1825. Essa biblioteca era constituída dos livros do rei de Portugal Dom José I e foi trazida para o Brasil por Dom João VI, em 1807. Junto à Biblioteca Nacional, outra de grande importância no Brasil é a Biblioteca Municipal de São Paulo. (CANFORA, 1989, p. 35) (grifo do autor)

A história das bibliotecas está totalmente, entrelaçada com a sociedade em que se inseria a organização de acervos. A biblioteca é vista como parte importante da cultura do povo, carregando as suas características e sua história. Possibilita assim, a formação de várias idéias para aqueles que se apoderam das leituras da biblioteca conservada. Segundo Verri⁴ (1996), expondo as bibliotecas populares em Pernambuco, podemos observar que:

[...] a formação das bibliotecas está, primeiramente, relacionada com a vinda e a instalação de ordens religiosas em Olinda. Essas congregações, dispoendo de obras sobre os mais diversos campos do conhecimento nos estudos latinos (língua e literatura), filosofia, história e geografia, serviam como centros de cultura [...]. (p. 33)

Vemos que as constituições de bibliotecas dão-se também por culturas que vão complementando as camadas populares. Mediante isso, as bibliotecas particulares transformam-se em locais de divulgação de idéias. Para Verri (1996), as bibliotecas populares surgem no Recife em fins do Estado Novo e da II Guerra Mundial. O clima de democratização que se instala leva um

⁴ Verri (1996) é uma obra que aborda o surgimento das bibliotecas populares em Recife, para aglutinar números consideráveis de leitores.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

grupo de intelectuais a indicar a biblioteca como um caminho possível para formação cultural das "gentes de pequenos recursos econômicos".

Ainda abordando estudos sobre bibliotecas, Galvão et al (2007)⁵, viu uma série de abordagens de estudos ligados aos meios populares e a casos de “novos leitores”, sendo possível uma construção favorável de aspectos de práticas de leitura e escrita. Podendo se refletir sobre vários contextos de inserção na leitura, entre grupos, famílias e indivíduos, que tiveram sucesso em sua longevidade escolar, criando práticas de apropriação do impresso. Qualquer pessoa precisa acompanhar as transformações que ocorrem em seu tempo. E um caminho seguro para isto é a leitura.

Galvão, et al, 2007, abordam que a presença dos livros na vida de um “[...] novo leitor” é “mais do que um local de leituras desinteressadas, sua biblioteca constitui, certamente, um ambiente de formação intelectual[...]” (p. 133). Esta pesquisa foi realizada, por meio da análise da biblioteca e do livro razão utilizado pelo “novo leitor” para organizar recortes de jornais que o interessavam. É então analisado com grande cuidado a biblioteca desse “novo leitor”, catalogando e procurando indícios de leitura durante toda a sua vida. O objetivo desse estudo foi em compreender como lia e por que lia o sujeito proprietário da biblioteca em questão. As pessoas, muitas vezes, lêem para obterem informações, enquanto que os indivíduos e grupos abordados nesse estudo mostram que a atitude de ler está relacionada à realização de algum desígnio, em busca de compreender e atuar com mais liberdade na sociedade através das palavras impressas.

Acerca do conceito de “novos leitores”, presente no título do nosso estudo, é utilizado nas pesquisas de Jean Hebrárd (1990), abordando a existência de indivíduos “não-herdeiros” de leitura e escrita familiar, em que ao longo da vida buscaram desenvolver suas próprias práticas de leitura, inserindo-se na cultura escrita. Trataremos aqui, de abordar sobre duas histórias, relacionadas a “novos leitores”, para destacar a importância de refletir a leitura dentro de um contexto real, como no caso de indivíduos que de maneiras adversas conseguiram manter práticas de leitura.

⁵ Livro contendo artigos finalizados sobre elementos para a construção de uma história escrita, particularmente no Brasil. Aborda vários estudos ligados em especial a figura dos “novos leitores”, compreendendo a prática de leitura dentro do contexto social de cada indivíduo.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Ao aprofundar estudos de casos e analisando os vários processos de leituras, é dado ênfase em especial, a Micro-História. Um dos representantes desta Corrente Teórica foi Carlo Ginzburg, que analisou os meios e as práticas de leitura de um moleiro do nordeste da Itália no final do século XVI. Mais conhecido como Menocchio, ele conseguiu ter acesso a obras ditas proibidas em sua época, levando-o a condenação, por processos inquisitoriais, à morte na fogueira (BELO, 2002). Menocchio provou que era possível que um aldeão entrasse em contato com a cultura livresca e a um pensamento interpretativo dos textos lidos. O estudo de Ginzburg tornou-se um modelo para a história da leitura.

Domenico Scandella, o Menocchio, italiano nascido em Montereale em 1532, formulou idéias que não agradaram a Igreja, sendo perseguido pelo Tribunal do Santo Ofício, preso por dezesseis anos, julgado e morto na fogueira por volta de dezesseis de julho de 1600. Era um homem casado tinha sete filhos, havia perdido outros quatro, além de moleiro era carpinteiro, marcenerio, pedreiro e outras coisas, um fator interessante era que sabia ler e escrever. Ou seja, não foi qualquer camponês, era diferente em seu tempo, tinha clareza e lucidez nas idéias.

Esse estudo realizado por Ginzburg (1987) ao encontrar um documento no Arquivo da Cúria Episcopal falando de acusações feitas a um réu, a acusação era de que ele sustentava que o mundo tinha sua origem na putrefação. Vê-se que dois grandes eventos históricos tornaram possível um caso como o de Menocchio: a invenção da imprensa e a Reforma. A imprensa lhe permitiu confrontar os livros com a tradição oral em que havia crescido e lhe forneceu as palavras para organizar o amontoado de idéias e fantasias que nele conviviam. “A Reforma lhe deu a audácia para comunicar o que pensava ao padre do vilarejo, conterrâneos, inquisidores” (GINZBURG 1987, p. 33), pois, não conseguiu diante do papa, dos cardeais e dos príncipes transmitir as suas idéias, como desejava.

Processo resiliente na vida da “nova leitora” entrelaçada na constituição de sua biblioteca pessoal

Resiliência é um termo utilizado por Barreto (2005) para definir a capacidade humana de passar por experiências adversas sucessivas sem prejuízo para o desenvolvimento. É a capacidade





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

concreta de retornar ao estado natural de excelência, superando uma situação crítica. É a capacidade humana de superar tudo, tirando proveito dos sofrimentos inerentes às dificuldades. Em Ciências Sociais, a resiliência é uma qualidade de resistência e perseverança da pessoa humana face às dificuldades que encontra. Os grupos sociais e os indivíduos dispõem de mecanismos próprios para superar as adversidades contextuais.

Como afirma Barreto (2005, p. 98), “[...] a resiliência é um processo, é um caminho a seguir, em que o indivíduo, levado pelas torrentes da vida, pode vencer graças ao seu esforço resiliente. As pessoas resilientes valorizam muito os vínculos de apoio e estímulo, o que lhes alimenta a autoconfiança”. Resiliência é a capacidade concreta de retornar ao estado natural de excelência, superando uma situação crítica. Segundo o dicionário Aurélio (2008), é a “[...] propriedade, pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de tal formação elástica”. Ao observar essas formas de significação da palavra resiliência, podemos descrevê-la como ato de superar crises e tirar dessas dificuldades proveitos para a sua vida pessoal.

O ser humano resiliente desenvolve a capacidade de recuperar e moldar – se novamente a cada obstáculo e a cada desafio. Quando mais resiliente for o indivíduo maior será o desenvolvimento pessoal, isso torna uma pessoa mais motivada e com capacidade de contornar situações que apresente maior grau de tensão. A resiliência está sendo compreendida aqui como aquela capacidade de transformar sofrimento em aprendizado, os desafios em contextos de crescimento e desenvolvimento de autonomia. Expomos por meio disso, a pessoa de Lêda e seu processo resiliente. Que superou as adversidades da vida, a falta de formas mais concretas de desenvolvimento de práticas culturais, mas que conseguiu arriscar e vencer em seu processo escolar e profissional.

Segundo dados obtidos em entrevistas concedidas ao pai de Lêda, ele afirma que concluiu a 1ª série do primário, conseguia⁶ ler e escrever, porém, com certa dificuldade. Tornou-se funcionário público e trabalhou em grande parte de sua vida no 3º Batalhão de Engenharia do Exército, na construção de estradas. A mãe é analfabeta e parece não ter frequentado por muito

⁶ O pai de Lêda faleceu no ano de 2008.





tempo a escola. Dividia as atividades domésticas com o trabalho informal de costureira. A família é natural da cidade de Piancó e, percorreu cinco cidades ao longo de sua trajetória, pelo fato de o pai ser constantemente transferido de cidade, por causa de seu trabalho. Foi por volta da década de 70, que a família mudou-se para Petrolina, cidade do interior do Estado de Pernambuco, onde vive atualmente.

As taxas de analfabetismo do século XX⁷ mostram que na década de 50, o índice de toda a população brasileira era de 50,5% analfabeta, sendo um pouco mais da metade da população. Já em 1960, passou a ser de 39,6% da população que não sabiam ler e escrever. Na década de 70, diminuiu mais um pouco para 33,6%. E na década de 80, baixou para 25,4%. O que indica que Lêda, mesmo participando de um processo social em que o analfabetismo ocorria em elevado teor, não desistia de estar na escola e crescer em nível de conhecimento. Como afirma Castro (1997, p. 8), “[...] o perfil do analfabetismo no país é marcado pela reprodução das desigualdades socioeconômicas inter-regionais existentes”.

O processo de resiliência na vida de Lêda para constituir um acervo diversificado, aconteceu por meio de vários aspectos. Uma delas é que Lêda sempre estudou em escola pública, aprendendo a ler e escrever, provavelmente no contexto escolar. Durante a infância, Lêda se recorda da presença de livros didáticos, principalmente dos irmãos mais velhos. Em entrevista⁸, Lêda declara que “[...] em casa, eu não tinha leitura. A leitura era essa de ler a cartilha [...]”.

Sua família mudou-se, quando Lêda tinha alguns meses de idade, para a cidade de Conceição, no estado da Paraíba. Isso pelo fato de o pai trabalhar como diarista do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca), nas diversas construções. Mesmo assim, a família continuou investindo nos filhos por meio dos estudos.

Segundo Camarano (1997), as décadas de cinquenta e sessenta apresentaram-se como as décadas em que a migração inter-regional se deu de forma mais acentuada, ocasionada, por um lado, pela ocorrência de secas periódicas e pela modernização na indústria têxtil e, de outro, pela aceleração do processo de industrialização nacional, pela construção de grandes rodovias e outros.

⁷ Censos demográficos IBGE: 1950, 1970, 1980.

⁸ Entrevista concedida a professora Fabiana Cristina no ano de 2007.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A primeira escola em que Lêda ingressou foi a Escola Isolada do 3º Batalhão de Engenharia, em Conceição, tendo 6 a 7 anos de idade. Isso ocorreu durante a década de 60. Neste período, Lêda já costumava ver livros em casa, especificamente do tipo didático, que era de posse dos irmãos mais velhos, daqueles que já estudavam, sendo exposto por ela, que na cidade e na escola não tinha a presença de biblioteca. Nesta escola, Lêda aprendeu a ler e escrever.

Novamente a família de Lêda muda-se para outra cidade, para Serra Negra do Norte, no interior do estado do Rio Grande do Norte, estudando, durante o primário, no Grupo Escolar Coronel Mariz, escola pública. Foi submetida a um teste para ingressar nessa escola, já sabendo ler e escrever. Com a idade de 8 a 11 anos, em 1962 a 1965, nessa escola, Lêda se lembra da presença de livros, mesmo não tendo biblioteca na escola. Como ela expõe:

[...] a biblioteca não tinha. Tinha biblioteca não, a gente tinha cartilhas, né. E me lembro da cartilha que eu estudei que era a cartilha “Upa, Upa Cavalinho”, não é. Era uma cartilha verde e grande, mais ou menos assim [faz a demonstração] e era uma cartilha assim que tinha imagem que chamava a atenção da gente. (LÊDA)

Ocorreu para Lêda a interrupção dos estudos básicos, pelo fato de a família mudar de cidade, porque seu pai foi transferido por motivo de trabalho. Isso mostra as várias dificuldades enfrentadas pela “Nova Leitora”. Lêda deduz que:

[...] mamãe me achava que eu não tinha condição de continuar [...]. Então eu passei um ano sem estudar e meus outros irmãos todos foram a escola e eu fiquei um ano sem estudar. É, não senti muito a questão [...], mas depois eu comecei a me sentir inferiorizada né, pelo fato de não ir a escola. [...] Mas, eu não sei por que não me colocaram na escola. [...] (LÊDA)

Ao retomar os estudos, no 5º ano do ensino primário, Lêda estudou no Grupo Escolar Batista Leite, sendo também escola pública, na cidade de Souza, no estado da Paraíba. Ingressando no período ginasial, Lêda estudou no Colégio Estadual de Souza, na cidade citada, com a idade de 14 a 17 anos, durante os anos 1968 a 1971. Lêda expõe que o colégio tinha uma estrutura grande, e de que na cidade era um colégio de *status*, sendo que ela e seu irmão só conseguiram vagas porque o comandante do Batalhão ao transferir as famílias de cidade cuidava de relocar os filhos nas escolas. Foi nesse período que conheceu mais de perto uma biblioteca, que era muito utilizada pelos alunos da escola, inclusive ela que frequentava com certa regularidade.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A família de Lêda muda-se para a cidade de Petrolina, no interior do estado do Pernambuco, no ano de 1972. Ali, Lêda foi matriculada no Colégio Estadual de Petrolina, cursando todo o período secundário do 1º ao 3º ano, na mesma escola, concluindo com 20 anos. Já tinha mais um pouco de presença de livros, através do convívio com a biblioteca pública, da referida cidade, sendo a primeira biblioteca que conheceu. Trabalhava, informalmente, como manicure e pedicure nos finais de semana. Seus pais sempre os apoiaram como puderam no seu processo escolar.

É preciso salientar que o ensino médio não acontecia de forma tão expansiva como nos dias de hoje, pois nos dias atuais ele se tornou menos elitizado do que nas décadas de 70 e 80 (CASTRO 1997). Se para ingressar no ensino médio, para a época era difícil, adentrar o ensino superior era mais ainda. Vejamos o que Silva (2005, p. 16 e 18) afirma:

Nesse sentido, se o acesso de afrodescendentes a níveis superiores da escolarização é, na atualidade, ainda marcado por dificuldades, pode-se imaginar como esse processo se dava em gerações anteriores, em um país que tem sua história marcada pela expansão restrita e tardia da escolarização. [...] O período estudado corresponde ao processo de escolarização dos filhos. Nesse período histórico, o ensino ainda não se encontrava plenamente democratizado e as taxas de escolarização dos níveis secundário e superior, principalmente em Pernambuco, eram ainda muito baixas. [...]

Mesmo com a presença de recursos tecnológicos que começaram a aparecer em sua casa, Lêda não deixou de lado o prazer da leitura. Neste período, ela tinha um jeito próprio de se relacionar com os livros. Disso, ela nos fala:

Gostava muito de ler, os clássicos, eu viajava nos clássicos da literatura. É tanto que eu sinto falta a leitura deles atualmente, né. Então como a gente não tinha televisão, não tinha [...] Quer dizer nesse período chegou uma televisão na minha casa, porque o meu irmão mais velho mandou de Feira de Santana a primeira televisão. Então a televisão era um cinema lá na minha casa, mas aí eu não me prendia muito à televisão, porque primeiro a imagem não prestava e depois eu gostava dos meus livros, né. [...] sempre dividi meu horário é [...] De estudo e o meu horário dos afazeres domésticos. Então, eu levantava muito cedo, cuidava de tudo e antes de nove horas eu já estava sentada pra estudar. E nos finais de semana eu tinha essa ocupação aqui, a sim de manicure e pedicure [...] [(LÊDA)]

Podemos afirmar que a leitura se tornou algo mais presente ainda na vida de Lêda, por meio do conhecimento de biblioteca na cidade. Observemos, por meio desse relato:





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A é aqui a leitura era mais porque eu já tinha (...) convívio com a biblioteca. Petrolina tinha a biblioteca pública que ela ficava perto da escola e a gente aproveitava muito tempo para ir a biblioteca. [...] Foi a primeira biblioteca que eu conheci. (LÊDA)

Ela prestou vestibular uma vez, no ano de 1975, para a Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, para o curso de Pedagogia. Tinha o desejo de fazer medicina, mas não se achava preparada para o vestibular.

Pelo que observamos, até o momento, por meio dos depoimentos, Lêda foi desfavorecida, ao longo de sua infância, na circulação desse tipo de impresso, o livro. Mas se preocupava em possuir livros durante o seu processo escolar. Como afirma:

[...] Todos os livros eu tinha, todos os livros que cobravam, por exemplo, em português a professora cobrava do aluno todo mês, um livro, um clássico da literatura, então isso não era problema a compra dos livros para mim. [...] (LÊDA)

Provavelmente, foi ao longo de sua formação acadêmica que Lêda, constituiu esta biblioteca pessoal. Desde o ginásio, como relata em seu depoimento, tem uma relação estreita quanto ao uso da leitura e a visitas às bibliotecas:

[...] A é aqui a leitura era mais porque eu já tinha[...] Convívio com a biblioteca. Petrolina tinha a biblioteca pública que ela ficava perto da escola e a gente aproveitava muito tempo para ir a biblioteca. [...] Foi a primeira biblioteca que eu conheci. (LÊDA)

Para compreender a formação de Lêda como leitora, analisamos a constituição de sua biblioteca particular mediante sua organização e suas escolhas, para assim podermos identificar as suas relações com os livros e com a leitura. Ela também se faz resiliente por ter a capacidade de resistir às adversidades sociais e econômicas, e de utilizá-la como fator de crescimento, no caso a constituição de sua biblioteca pessoal. Lêda, por ser resiliente, age no presente, motivado por um projeto de vida e não pelos reveses do passado, que a fez transpor as barreiras, até mesmo constituir um acervo diversificado.

Conclusão

A pesquisa que desenvolvemos é marcada pela semelhança de outros estudos já realizados, tendo como objeto indivíduos que se inseriram na cultura escrita, também por meio da

3407





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

família e pelo esforço pessoal. Tradicionalmente, as pesquisas que tomam por objeto a história da cultura escrita no Brasil tendem a considerar, como mediadores fundamentais para a inserção de indivíduos, famílias e grupos sociais no mundo da escrita, a escolarização, as práticas de escrita e o contato com o impresso. Sabe-se, no entanto que, pelo menos até meados do século XX, o Brasil foi um país marcado pela oralidade e pelo analfabetismo.

Parte importante dessa pesquisa foi as questões em relação ao estudos dos indivíduos, em sua cronologia familiar, num contexto de condições muito adversas, mas que atingiram uma relação estreita com o escrito. Muitos fatores/agências de inserção parecem exercer um importante papel nesse processo: a família, a escola, o trabalho, a experiência urbana e redes de sociabilidade diversas. No nosso estudo, Lêda se posiciona de uma maneira que mesmo vivendo em uma sociedade totalmente desigual no aspecto de leitura, conseguiu constituir um acervo pessoal, não se distanciando do seu meio, familiar e social. Com os usos de seus livros que compõe seu acervo, pôde conquistar o sucesso escolar e profissional, mostrando como é possível sociabilizar-se na cultura escrita com a formação de um acervo pessoal.

Acreditamos que este estudo nos possibilitou perceber a formação da pesquisada enquanto “Nova Leitora”, talvez como alguém com um pensamento amplo em ultrapassar certos e determinados limites e obstáculos que viriam a tornar improváveis a constituição de uma biblioteca e de sua formação acadêmica, aprimorando sua leitura e escrita, enquanto sujeito de seu próprio aprendizado. Procuramos alcançar algumas possibilidades explicativas, que possam nos fazer compreender diferentes formas encontradas pelos indivíduos de meios populares, para a inserção na cultura escrita. Estudar a constituição da biblioteca de Lêda nos fez ver o que os novos tempos permitem agora: uma nova compreensão de pessoas, consideradas “Novos leitores”, com sucesso escolar e profissional, em que os exercícios de leitura feitos podem ser problematizados e resignificados na produção de conhecimento, diante da sociedade letrada em que nos encontramos.

Referências

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

BARRETO, Adalberto. **Terapia Comunitária passo-a-passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.

BELO, André. **História & Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.

_____. Curitiba, 1997. P. 189 -208. pdf.

CANFORA, Luciano. **A Biblioteca desaparecida**: histórias da biblioteca de Alexandria. São Paulo: Companhia das letras, 1989. 195p.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. **Avaliação do Sistema Educacional**: tendências e perspectivas. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1998.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; ARANTES, Adlene Silva; SILVA, Fabiana Cristina. **Novos Letrados**: Estudos Monográficos em Minas Gerais e em Pernambuco. UFMG e UPE, 2007 (Projeto Integrado de Pesquisa – CNPq).

_____, (Org.) ; SOUZA, M. J. F. (Org.) ; MELO, J. F. (Org.) ; RESENDE, P. C. (Org.) . **História da Cultura Escrita: estudos de caso nos Séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HÉBRARD, Jean. **O Autodidatismo Exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval Aprendeu a Ler?** In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p.35-74.

KURY, Adriano da Gama. **Minidicionário Gama Kury da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2002

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História**: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. **Templários da ausência em bibliotecas populares**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.

